

**Pedagogias da sexualidade e do gênero
na era da pornografia *on-line*:
pensando a partir das Culturas Juvenis**

*Pedagogies of sexuality and gender
in the age of online Pornography:
a perspective from Youth Cultures*

Gabriela Bercht

*Doutoranda em Educação (PPGEDU-UFRGS)
e-mail: gabrielaBercht@gmail.com*



Resumo

O objetivo do presente artigo é propor uma reflexão sobre a forma como as representações pornográficas disponíveis *on-line* podem atuar como uma pedagogia da sexualidade e do gênero entre os jovens na atualidade. Partimos da exposição dos referenciais teóricos que nos permitem compreender tanto o(s) sentido(s) que o termo pornografia adquire na atualidade quanto as discussões feministas em torno do tema. Ao analisarmos, a partir de revisão bibliográfica, pesquisas empíricas que se dedicaram a averiguar as formas de utilização de materiais pornográficos por jovens em diversas realidades, notou-se afirmativamente o caráter instrutivo que tais materiais desempenham nas culturas juvenis. Também foram percebidas práticas e marcas de gênero que parecem ser constitutivas dos currículos hegemônicos da sexualidade promovidos pela pornografia.

Palavras-chave: gênero, feminismos, pornografias, pedagogias da sexualidade, culturas juvenis.

Abstract

The purpose of this article is to propose a reflection on how the pornographic representations available online can act as a pedagogy of sexuality and gender among young people today. We start from the exposition of theoretical references that allow us to understand both the meaning (s) that the term pornography acquires nowadays and feminist discussions about the theme. When analyzing, from a bibliographic review, empirical researches dedicated to ascertaining the ways of using pornographic materials by young people in different realities, it was affirmatively noted the instructive character that such materials play in youth cultures. Gender practices and markers that seem to be constitutive of the hegemonic curricula of sexuality promoted by pornography were also perceived.

Keywords: gender, feminisms, pornography, pedagogies of sexuality, youth cultures.

Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento, que busca averiguar se, e de que maneiras, as representações pornográficas presentes na Internet influenciam a constituição de subjetividades relacionadas ao gênero e à sexualidade entre jovens. Tanto tal pesquisa, quanto este artigo, foram influenciados pela experiência docente. Não podemos afirmar que tais experiências possuem caráter *sui generis*, dado que o surgimento de questões relacionadas à sexualidade e ao gênero em contexto escolar já foi constado por outras pesquisas (PRIOSTE, 2013) que se dedicaram a abordar a relação entre jovens e internet.

Com este artigo buscamos analisar mais a fundo esta constatação ainda inicial de que as representações pornográficas na atualidade podem atuar como um artefato cultural pedagógico que ensina ou informa técnicas de como portar-se e atuar sexualmente. Para tanto, optamos por desenvolver alguns pontos teóricos fundamentais da discussão que envolve pornografia e as noções de pedagogia da sexualidade e do gênero e confrontarmos tal debate com o estudo do estado da arte de pesquisas empíricas que se dedicaram a analisar as formas como jovens relacionam-se com conteúdos pornográficos disponíveis na Internet.

Iniciaremos nosso percurso expondo algumas questões que envolvem o problema de definição do termo pornografia. Em tal exposição já indicaremos muitos dos referenciais teóricos que nos permitem pensar o discurso pornográfico enquanto constituidor de uma pedagogia de sexualidade e de gênero. Posteriormente apresentaremos algumas posições sobre a questão pornográfica no debate histórico feminista norte-americano. Por fim, realizaremos alguns apontamentos sobre a noção de culturas juvenis e, procuraremos, através de revisão bibliográfica, desenvolver uma compreensão inicial sobre os termos em que tem se

dado a relação entre discurso pornográfico *on-line* e aprendizagem junto aos jovens na atualidade. Por ora, no entanto, é preciso realizarmos algumas reflexões sobre nosso objeto de pesquisa, pois, como veremos a seguir, definir o que é pornografia não é tarefa tão simples.

Pornografia e Pedagogias da Sexualidade e de Gênero

Ao longo do primeiro volume de História da Sexualidade (1997), Michel Foucault faz referência constante à pedagogia com um dos saberes que se estabeleceram na modernidade com a função de produzir uma verdade discursiva sobre o sexo, em particular, sobre a sexualidade específica das crianças. Através da pedagogia, assim como da medicina e da economia, o sexo tornou-se uma questão do Estado. O saber pedagógico era responsável tanto por dizer qual era a verdade do sexo das crianças, como por vigiar e educar, através dos mecanismos e instituições em que estava presente, para a forma tida como correta e esperada de comportamento infantil. Fez parte, portanto, do dispositivo de sexualidade, na medida em que se constituiu como um dos múltiplos discursos sobre o sexo que se dedicavam a regular, normatizar e a produzir verdades. É partir do contexto histórico, que possui o século XIX como marco flexível, que poderemos compreender a definição atual que algumas autoras irão propor para o termo pornografia, já totalmente despida de qualquer relação com a política ou com a crítica social. Lynn Hunt, propõe, por exemplo, que entendamos o termo como fazendo referência à “*representação explícita dos órgãos e das práticas sexuais para estimular sensações*” (HUNT, 1999, p. 10). Shira Tarrant, por sua vez, agrega à sua definição, os meios de acesso mais comuns às representações pornográficas.

Em geral, a pornografia refere-se à representações visuais que visam despertar sexualmente o espectador, como fotos, revistas, canais adultos de televisão a cabo ou filmes VHS. Hoje, é mais

provável que pornografia signifique vídeos online; e, no futuro, mudanças tecnológicas podem mudar novamente como essas representações visuais são entregues ao consumidor¹. (TARRANT, 2016, p 3.)

Podemos tomar as definições que expusemos acima como definições genéricas que servirão de ponto de apoio para o desenvolvimento do debate que pretendemos iniciar nas próximas páginas. Porém, cabe ressaltar, não devemos nos fixar em nenhuma definição em particular, já que, como alertou Walter Kendrick (1995), elas tendem a caracterizar mais a batalha cultural em torno do termo, do que propriamente um objeto em si.

A pornografia, no seu sentido moderno, está ligada, portanto, a esta explosão discursiva em torno do sexo, que pode ser vista também nos manuais médicos, pedagógicos e jurídicos. Tal visão é compartilhada, por pensadoras como Lynn Hunt, esta defende que “*assim como a medicina, a loucura, a prisão e a sexualidade, a pornografia deve ser considerada produto das novas formas de regulamentação e dos novos desejos de saber*” (HUNT, 1999, p. 11) Larissa Costa Duarte e Fabíola Rohden (2016) também corroboram com tal visão, ao apontarem que a pornografia, assim com a sexologia, faz parte de um conjunto de saberes que constituem uma pedagogia da sexualidade na modernidade.

A noção de pedagogia da sexualidade faz referência, portanto, a um conjunto de saberes eróticos que são incorporados pelos indivíduos. Tais saberes, operam discursivamente através da reintegração e recitação constante de certas normas de gênero, sendo os corpos sexuados os produtos de tal operação discursiva. Em relação a tal contexto inicial,

1 Tradução própria. No original: “In general, *pornography* refers to visual depictions that are intended to sexually arouse the viewer, such as still photos, magazines, adult cable television channels, or VHS movie. Today, pornography is more likely to mean online video; and, in the future, technological changes may again shift how these visual depictions are delivered to the consumer.”

de constituição da sexualidade como dispositivo discursivo, Duarte e Rohden (2016) apontam para diversas características em comum entre os emergentes discursos pornográficos e da sexologia. O principal ponto em comum entre ambos os saberes seria, precisamente, a insistência na produção de uma diferença de gênero radical, que traduziria uma suposta biologia inata.

Nesse sentido, tanto a pornografia como a sexologia são extremamente pedagogizantes, pois o cerne de sua empreitada é estabelecer parâmetros de normalidade e tornar conhecida a aparência do desejo sexual, do orgasmo e dos corpos (com ênfase, evidentemente, nos genitais). (DUARTE; ROHDEN, 2016, p. 732)

O termo pedagogias da sexualidade, portanto, possui uma nítida origem foucaultiana, mas seu emprego não está limitado ao contexto inicialmente analisado por Michel Foucault. Como coloca Guacira Lopes Louro (2000), ao compreendemos que a sexualidade é social e política, e que é também construída, isto é, deve ser “aprendida” ao longo da vida, de muitos modos e por todos os sujeitos, também somos levados a questionar: Em que instâncias se “aprende” sobre o sexo? As respostas para tal questionamento irão variar de acordo com questões históricas, contextuais e marcas sociais. No entanto, existem algumas instâncias que, desde a Modernidade (XVIII-XX) possuem um papel relevante no processo de disciplinamento dos corpos. Importante destacarmos que o termo Modernidade faz referência aqui a constituição de uma *episteme* própria do período citado que se diferencia da *episteme* clássica (XVII-XVIII). Ainda que alguns autores como Paul B. Preciado (2018) apontem, como veremos, para mudanças significativas na faceta mais contemporânea de tal *episteme*, a leitura foucaultiana é de que ainda vivemos sob a influência da *episteme* moderna. O disciplinamento próprio da modernidade ocorre, portanto, a partir de uma matriz de gênero própria, que não só ensina, mas instaura, os sujeitos femininos e masculinos.

Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram — e são — produtoras de “marcas”. Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais. Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. (LOURO, 2000, p. 19)

Tal ponto pode ser percebido ao analisarmos as figuras femininas presentes nas obras literárias pornográficas mais conhecidas deste período inicial de definição Moderna da pornografia (Teresa, filósofa; Fanny Hill; Justine ou os infortúnios da virtude). Se, por um lado, protagonistas femininas fugiam dos ideais puritanos de submissão e “*tinham muito mais controle sobre seus destinos do que as outras representações femininas daquele período*” (HUNT, 1999, p.45), a quase totalidade das novelas era escrita por homens, e a medida que avançava o sentido comercial e a excitação sexual passava a ser o principal objetivo de tais obras, passou a se tornar claro que “*o corpo da mulher era concebido como um bem comum a todos os homens [...]*” (HUNT, 1999, p.45). Tal ponto, relaciona-se de maneira direta com a ideia de que a pornografia opera, neste período, como mais um destes saberes que coloca em prática uma verdade discursiva sobre o sexo, que ensina formas de ser homem e de ser mulher.

Obviamente, os sujeitos não são meros receptores das práticas pedagógicas. No entanto, é importante ressaltarmos, e este ponto será uma constante deste trabalho, o papel que as representações ocupam nos processos de constituição dos sujeitos. Em especial, na medida em que

essas deixam de ser percebidas como representações e ganham força de lei, passando a ser tomadas como realidade. Neste sentido, Duarte e Rohden buscam demonstrar que as imagens produzidas tanto pela pornografia quanto pela sexologia, na Modernidade, produziram versões do que é o feminino e do que é o masculino “[...] tomadas como evidências, e não como representações, que, de fato, são, foram fundamentais na criação de modelos classificatórios de atos, práticas, tipos de desejo, identidades e pessoas” (DUARTE; ROHDEN, 2016, p. 732).

Os autores anteriormente citados (Hunt, Foucault, Duarte e Rohden) fazem referência ao momento inicial moderno de surgimento do dispositivo de sexualidade e da pornografia. No entanto, parece-nos interessante pesarmos na continuidade e intensificação deste processo de explosão discursiva e categorial em torno do sexo a partir da inserção do discurso pornográfico na Internet e, mais especificamente, na lógica da Web 2.0. A inserção de conteúdos pornográficos na lógica dos indexadores e dos buscadores da Internet, levou, talvez como em nenhum outro momento da história, ao surgimento de milhares de categorias relacionadas ao sexo. Tais categorias servem aparentemente como facilitadores da busca por conteúdo, mas ao mesmo tempo em que organizam, criam, isto é, estabelecem não apenas maneiras de portar-se sexualmente, como também, os sujeitos (fetichizados) que correspondem a tais comportamentos. Através das diferentes categorias, podemos pensar que os sites pornográficos propõem um currículo, fornecem uma pedagogia possível da sexualidade e do gênero.

Partindo de muitos dos *insights* e formulações foucaultianas, Paul B. Preciado (2017; 2018) busca conceitualizar a faceta mais contemporânea dos processos de produção dos corpos e das subjetividades que entram em cena progressivamente a partir do começo da Segunda Guerra Mundial. Em tais processos a pornografia ganha centralidade. Segundo Preciado, estaríamos vivendo um momento de transição entre uma sociedade disciplinadora marcada por uma organização do poder

em torno do controle das populações e uma sociedade farmacopornográfica, caracterizada por processos de governo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (pornô) da subjetividade sexual. Tal formação societária está conectada a um modelo econômico pós-fordista que o autor denomina de farmacopornismo.

Não há, no entanto, aqui a ideia de ruptura brusca entre as sociedades disciplinadoras e as sociedades farmacopornográficas. O que vemos é a transformação de conceitos surgidos na modernidade (masculinidade, feminilidade, homossexualidade, heterossexualidade, libido, transexualidade), em realidades tangíveis e bens comercializáveis. Os grandes marcos desta nova forma capitalística seriam a pílula (1957) e a revista Playboy (1953). A primeira constitui-se como o primeiro fármaco anticoncepcional oral e a segunda tornou-se, ao longo da década de 60, na revista pornográfica masculina mais comercializada do mundo. O farmacopornismo é, portanto, “*esta nova economia dominada pela indústria da pílula, pela lógica masturbatória da pornografia e pela cadeia de excitação frustração em que se baseia*” (PRECIADO, 2018, p.43).

A ideia de que o pornográfico está ligado ao potencial de excitação já estava presente no momento moderno do surgimento do termo, entretanto, o desenvolvimento das técnicas e tecnologias de representação dos corpos fazem com que o autor retome a caracterização de Linda Williams sobre a pornografia e a entenda também como pertencendo ao conjunto de imagens que podem ser caracterizadas como “*bodily images*”, ou seja, imagens corporais que agem sobre os corpos e os afetos de maneira imperiosa. Ao colocar que “*na pornografia o corpo é vulnerável à imagem*” (PRECIADO, 2017, p.30), Preciado busca destacar que uma das características fundamentais da pornografia seria sua capacidade de dominar o corpo e produzir efeitos à revelia da intenção do espectador. Se no regime disciplinar as fotografias médicas tinham por função inventar e documentar a verdade as identidades sexuais criadas, no regime farmacopornográfico, a pornografia faz as vezes da medicina, e cabe

a ela fazer o corpo confessar. É a partir de tais referenciais que Preciado oferece sua definição do que entende como pornografia:

Entendo aqui por pornografia toda técnica audiovisual sexualmente ativa capaz de modificar a sensibilidade e a produção de desejo, de colocar em funcionamento ciclos de excitação-frustração e de produção de prazer psicossomático, ou seja, de capturar o sistema corporal de produção afetiva. (PRECIADO, 2018, p. 290-291)

Partindo, então, das formulações de Teresa de Lauretis, Preciado indicará a centralidade da noção de gênero como princípio organizativo para o desenvolvimento de uma série de técnicas farmacopornográficas de normatização e transformação do ser vivo. A pornografia deve ser considerada, portanto, como mais uma tecnologia de gênero que produz tanto corpos, como sujeitos de enunciação. É uma das tecnologias semióticas fundamentais do contemporâneo de produção dos códigos da feminilidade. Há, ainda, uma distinção fundamental entre os sujeitos hegemônicos e subalternos produzidos pelas sociedades farmacopornográficas.

O novo sujeito hegemônico é um corpo (frequentemente codificado como masculino, branco e heterossexual) farmacopornograficamente suplementado (pelo Viagra, pela cocaína, pela pornografia etc.) e consumidor de serviços sexuais pauperizados (frequentemente exercidos por corpos codificados como femininos, infantis ou racializados). (PRECIADO, 2018, p.50-51)

A centralidade que as questões de gênero possuem na estruturação da indústria pornográfica e nas representações pornográficas *mainstream* não passaram despercebidas pelo movimento feminista. O surgimento da indústria pornográfica nos EUA, ao longo dos anos 1960, foi logo acompanhado pelo desenvolvimento de intensos debates feministas sobre o tema. De maneira que, a Era de Ouro (TARRANT, 2016) da

pornografia, que se estende dos anos 1960 aos anos 1980, foi também o período mais produtivo sobre a questão pornográfica dentro do movimento feminista. É sobre este tópico que nos dedicaremos a seguir.

Feminismos

A pornografia, assim como a prostituição, é um dos temas que tende a cindir o movimento feminista e já foi pauta de uma das maiores disputas do feminismo norte-americano. De maneira bastante resumida, o período das *porns wars*, iniciado nos anos 70, e que perdurou até início dos anos 90, caracterizou-se pela polarização de dois entendimentos distintos sobre a maneira como a pornografia opera.

Para pensadoras como Catharine Mackinnon (1993) e Andrea Dworkin (1981), a pornografia engendra um modo de pensar o sexo que coloca a mulher necessariamente no papel de objeto a ser explorado. A pornografia seria responsável, nesta visão, pela formação de uma cultura do abuso e do estupro às mulheres, ao não lhes fornecer a possibilidade de serem sujeitos e de não estarem, portanto, aptas a aceitar ou não determinada ação sobre seus corpos. Na interpretação de MacKinnon (1993), a pornografia é um discurso que *atua* a discriminação sexual e que *produz* o silenciamento das mulheres. O fato de a pornografia ser um ato de discriminação sexual faz com que ela não possa, para a autora, ser enquadrada no escopo da primeira emenda norte americana, que protege a liberdade de discurso. Por *atuar* a discriminação sexual e por *produzir como efeitos* o silenciamento e a subordinação das mulheres, a pornografia deveria ser objeto de censura por parte do Estado.

Do outro lado, encontravam-se pensadoras, como Judith Butler (1997) e Gail Rubin (2011), que acreditavam que a pornografia opera como discurso, que pode ser discriminatório, e, no entanto, não compartilhavam da descrição da pornografia enquanto conduta (ou ato) discriminatório. Defendiam que, enquanto discurso discriminatório e não ato, a pornografia e seus possíveis efeitos deveriam ser combatidos

através da ressignificação das performances que o pornô mobiliza. De acordo com Butler, não apenas a pornografia falha em tentar constituir a realidade social do que é uma mulher e das relações de gênero, mas tal falha é condição para o surgimento de uma alegoria (ou de uma imagem fantasmática) que enuncia o imperativo da versão pornográfica do que é ser uma mulher, e de como devem dar-se as relações de gênero. Tal alegoria, segundo a autora, assume-se e concebe-se, desde o início, como irrealizável e que não pode superar a realidade, residindo aí sua condição de perpetuação e seu atrativo (BUTLER, 1997).

Houve, no entanto, a partir da década de 90, um progressivo enfraquecimento deste debate. Alguns autores (MCNAIR, 2002; DINES, 2010) indicam que o processo de enfraquecimento da pauta feminista sobre pornografia esteve associado, paralelamente, ao processo de assimilação dos códigos e estéticas pornográficas na cultura popular norte-americana.

Nas duas últimas décadas, a proliferação do acesso à Internet e a presença massiva de sites pornográficos no universo *on-line* trouxeram o tema da pornografia de volta à tona, com muitas pensadoras feministas retomando as argumentações desenvolvidas na década de 80 para buscar entender a versão mais contemporânea do fenômeno. Atualmente, diversas posições do período das *porn wars* foram retomadas e reelaboradas. Ainda que na atualidade seja difícil vislumbrarmos a aplicação de propostas de censura tais como as pensadas por Catherine MacKinnon (1993) e Andrea Dworkin (1981), existe uma renovação de pensadoras feministas que defendem a limitação (EATON, 2007) da disseminação das representações pornográficas. Por outro lado, este talvez seja o momento de maior produção de gêneros pornográficos que partem de muitos dos princípios defendidos por pensadoras anti-censura, como Judith Butler (1997) e Gail Rubin (2011). Sob diferentes nomenclaturas e propostas – pós-pornografia, pornô para mulheres, pornografia feministas, pornô-terrorismo - desenvolvem-se a partir da ideia de ressignificar os códigos tradicionais mobi-

lizados pela pornografia e de fornecer protagonismo para as mulheres nos processos decisórios que envolvem a produção de filmes pornográficos.

Os debates que envolvem pornografia e feminismos não se encontram datados e envolvem uma série de pensadoras, com diferentes filiações dentro do movimento feminista. Para além das autoras já citadas é importante reconhecermos as contribuições de outras pensadoras do período sobre a questão. Monique Wittig (1992) e Adrienne Rich (2010) se dedicaram, por exemplo, a pensar sobre a forma como a pornografia está relacionada a sistemas de opressão mais amplos que envolvem a imposição da heterossexualidade como única forma de ser e conceber n(a) realidade.

Patricia Hill Collins (2002), representante do feminismo negro, aponta para a importância de investigarmos como operam os esforços que buscam regular os corpos das mulheres negras. Para ela, a pornografia exemplifica a sexualidade como um local de intersecção de opressões (raça, classe, gênero). Drucilla Cornell (2004), por sua vez, desenvolve uma análise sobre o modo como a pornografia opera fortemente baseada na teoria psicanalítica de Jacques Lacan, contribuindo com a visão de que a pornografia funciona ao nível fantasmático e não possui conexão direta com o que presumidamente chamamos de “vida real”. A autora também endossa a defesa de que a melhor forma de se combater a indústria pornô e os conteúdos misóginos encontra-se no desenvolvimento de políticas representacionais feministas.

Em termos nacionais, é preciso apontar a inexistência de um debate sistematizado sobre a questão em uma perspectiva feminista. Como aponta Adriana Piscitelli (2008), o período das décadas de 1970 e 1980, foi marcado, no Brasil, pelas desigualdades e pela ditadura militar. De maneira que, enquanto as feministas anglo-saxãs dedicavam-se arduamente aos debates que caracterizaram as “guerras do sexo”, as feministas brasileiras dedicavam-se a outras inquietações. Na atualidade, o inte-

resse feminista pela pornografia no Brasil parece bem estabelecido em torno de algumas temáticas. Sem que, no entanto, possamos falar em correntes ou linhas de pensamento da maneira que falamos em relação às discussões históricas do feminismo norte-americano. Em uma rápida revisão bibliográfica² consultamos três bancos de dados e realizamos buscas conjuntamente pelos termos pornografia e feminismo. As buscas foram realizadas por publicações a partir do ano 2000.

Obtivemos o seguinte resultado: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (22 resultados), portal de periódicos da Capes/Mec (68 resultados) e Scielo (6 resultados). Foram lidos os títulos e resumos de todos os trabalhos e as temáticas que surgiram como mais frequentes, respectivamente, em ordem decrescente, foram as seguintes: Pós-pornografia/pornô feminista, Pornografia e Literatura/Música/Artes visuais, Pornografia e Política/Filosofia, Pornografia e Psicanálise. Destacamos também que a temática parece ter ganho espaços fora do universo acadêmico. Djamila Ribeiro, por exemplo, abordou o tema em coluna para o jornal Folha de São Paulo, indicando que apontar as questões problemáticas da indústria e das representações pornográficas não constitui moralismo e explicitou a necessidade de ações de resistência individuais e coletivas frente as possíveis violências geradas pela pornografia (RIBEIRO, 01/10/2020).

Trouxemos diversas posições sobre a questão pornográfica dentro dos pensamentos feministas, pois acreditamos na riqueza de tal debate e na potencialidade de pensarmos, de forma não polarizada, tanto sobre a maneira como as representações pornográficas operam quanto sobre as possíveis maneiras de combater os efeitos perversos de tais representações para as mulheres e para os grupos usualmente fetichizados por tal discurso. No próximo tópico do artigo, nos dedicaremos a pensar sobre as possíveis relações entre as questões levantadas pelo debate feminista e abordagens mais empíricas sobre o consumo de pornografia por jovens.

2 Consulta realizada no mês de fevereiro de 2021.

Culturas Juvenis e Pornografia: um panorama inicial

O presente trabalho pode ser enquadrado como fazendo parte dos estudos que tomam como sujeitos de pesquisa as juventudes. O conceito de juventudes, entendido em uma perspectiva sócio histórica e cultural, aponta para uma tentativa de “*superação da ideia de preponderância biológica sobre a forma de ser e de viver a juventude*” (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016, p. 288)

Nossa escolha em falarmos em juventudes e culturas juvenis revela, portanto, um posicionamento teórico-metodológico importante. Tomar as juventudes como sujeitos sociais revela uma valorização da socialização no processo de constituição de tal categoria social e dos sujeitos concretos que fazem parte dela. Partimos da perspectiva de Mario Margulis e de Marcelo Urresti e consideramos que “*a juventude é uma condição constituída pela cultura, mas que tem uma base material vinculada com a idade.*” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 3) Desta forma, a noção de geração, para pensarmos as juventudes, também se mostra importante, pois tal categoria introduz a História na variável etária. Ser jovem é, portanto, pertencer a uma geração mais recente, com traços históricos e códigos culturais próprios.

As pesquisas que selecionamos para analisar a seguir possuem diferentes classificações etárias para seus sujeitos de pesquisas. No entanto, demos prioridade para análise de pesquisas que tomam como sujeitos, jovens que passaram pelos processos de socialização já sobre o advento da Internet e da Web 2. 0, e que compartilham, portanto, ainda que de maneira genérica, certas características do processo de socialização e certos códigos culturais. Nosso foco, centra-se na análise do papel que a pornografia ocupa nas culturas juvenis principalmente em um momento inicial da juventude. Tomamos como hipótese de pesquisa que nos processos de socialização contemporâneos, os discursos pornográficos disponíveis

na Internet têm um importante papel na constituição de referenciais sobre a sexualidade, com repercussões na forma como jovens percebem as noções e os papéis de gênero.

A seguir serão apresentados, preliminarmente, alguns dados de pesquisas empíricas que se propuseram a analisar como se dá o consumo e a utilização de pornografia entre os jovens na atualidade. Nesse sentido, é preciso apontar para a escassez de pesquisas que abordem o tema entre adolescentes e jovens no Brasil, sob a perspectiva da cultura. Tal ponto é significativo, pois o vazio de pesquisas parece inverso à posição que o país ocupa no acesso a este tipo de material na Internet. O país apareceu, em 2019³, em 11º lugar no ranking dos Top 20 países em tráfego ao Pornhub. Além disto, dividimos com as Filipinas a posição número 1º do ranking na categoria de acesso de visitantes mulheres ao site.

Em nossa revisão bibliográfica consultamos três bancos de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, portal de periódicos da Capes/Mec e Scielo. Realizamos buscas⁴ utilizando os termos pornografia e conjuntamente pornografia e educação. A maioria dos trabalhos indexados versou sobre: pornografia infantil, pornografia e feminismo, pornô de vingança, manifestações pornográficas na literatura ou artes plásticas e pós-pornografia. Não encontramos nenhum estudo brasileiro que se dedicasse a pensar de forma empírica o uso de materiais pornográficos por adolescentes ou jovens não adultos.

Para o caso brasileiro apresentaremos, portanto, os achados de dois estudos que abordam a utilização de pornografia entre jovens de 20 – 30 anos e, que tem como população-alvo, portanto, jovens adultos. Os dados referentes à utilização de pornografia por jovens/adolescentes serão apresentados com base em pesquisas realizadas em outros países. A seleção de tais pesquisa foi realizada a partir da leitura dois estudos

3 Ver: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>

4 Consulta realizada no mês de julho de 2020.

de revisão em língua inglesa (KOLETIC, 2017; OWENS et al, 2012) que se dedicaram a analisar o estado da arte das pesquisas sobre consumo de pornografia por jovens e adolescentes. Foi realizada pesquisa complementar nas mesmas bases de dados já citadas em busca de pesquisas que atendessem os critérios de nossa revisão.

Como mencionado anteriormente, nosso interesse esteve focado em pesquisas publicadas a partir do ano 2000. Damos prioridade, no entanto, para pesquisas publicadas nos últimos dez anos (2010-2020). Buscamos um equilíbrio entre estudos quantitativos e qualitativos, e procuramos criar um corpo de análise de pesquisas que fosse o mais diverso possível, em termos dos universos analisados. Além das duas pesquisas que abordam o contexto brasileiro, foram selecionadas para análise pesquisas produzidas nos EUA (1), Cuba (1), Itália (1), Suécia (1), Reino Unido (1). A seleção de três países europeus para compor a amostra se deu em função das temáticas das pesquisas e das peculiaridades dos contextos analisados. A pesquisa referente ao Reino Unido constitui-se, até o momento, na pesquisa quantitativamente mais representativa com a qual nos deparamos sobre o consumo de pornografia por jovens. A pesquisa referente à Itália é uma das poucas pesquisas que analisa a diferença entre conteúdo pornográfico violento e não violento. Já a pesquisa referente à Suécia aborda o contexto de consumo de pornografia por jovens em um país que possui aulas de educação sexual de forma compulsória nas escolas desde 1955. Por fim, nos parece importante destacarmos que a revisão realizada no presente artigo não pretende exaurir a análise de estudos sobre o tema. Nosso objetivo é articular inquietações teóricas trazidas pelo debate feminista sobre a questão pornográfica com pesquisas empíricas que se acerquem sobre a relação entre pornografia e juventudes. Uma ressalva importante deve ser realizada sobre os estudos analisados, mesmo havendo o reconhecimento, em algumas das pesquisas revisadas, de outras categorias de gênero que não se restringem ao binarismo, torna-se uma limitação importante dos

estudos em questão que a articulação de resultados das pesquisas ocorra a partir de um prisma de gênero binário.

Os dois estudos brasileiros (GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004; BAUMEL et al, 2019) a que faremos menção abordam a utilização de materiais pornográficos junto a jovens adultos com formação universitária. A média de idade dos participantes de ambos os estudos foi de 23,4 anos e 25,7 anos respectivamente, havendo uma divisão paritária entre os gêneros em ambas as pesquisas. A primeira pesquisa (GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004) foi elaborada a partir da aplicação de questionários junto a 336 estudantes universitários. A segunda (BAUMEL et al, 2019) foi realizada mediante entrevistas semiestruturadas com 10 homens e 10 mulheres, todos com ensino superior completo. Ambas as pesquisas apontam de maneira afirmativa para a utilização de materiais pornográficos como fonte de informações sobre a sexualidade.

Em relação a tal ponto, na primeira pesquisa mencionada foi notada uma diferença de atitude entre o grupo dos consumidores e o grupo dos não consumidores. Para os primeiros, os materiais pornográficos são utilizados com o objetivo de obter informações acerca da sexualidade, ao passo que os não consumidores “*percebem essas mesmas informações como prejudiciais ao desenvolvimento da sexualidade.*” (GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004, p. 276) Ao observarmos a caracterização do grupo de consumidores e não consumidores a variável gênero se torna nítida.

Os dados apresentados mostram que os consumidores desse material são, em sua maioria, homens solteiros, em torno dos 22 anos de idade, católicos não-praticantes, que utilizam revistas, sites da internet e filmes de forma regular com o objetivo de obter informações sobre sexualidade e ter mais fantasias sexuais⁵. [...] O grupo não-consumidor é formado basicamente, de mulheres solteiras, com média de idade igual a 24,2 anos, católicas

5 Grifo próprio.

praticantes, que já tiveram algum contato com materiais pornográficos, mas não o utilizam atualmente, percebendo-o como prejudicial. (GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004, p. 276)

O segundo estudo acima mencionado também conclui que os materiais pornográficos tendem a ser utilizados de maneira pedagógica em algum ponto da vida dos homens e das mulheres entrevistadas. No entanto, para esse caso, tal forma de utilização dos materiais pornográficos foi mais frequente entre as mulheres. Um número elevado das participantes - 7 de um total de 10 - relataram que o uso inicial de materiais pornográficos se deu na perspectiva de aprendizagem. Tais dados levaram os pesquisadores a concluir que *“a pornografia parece ser a primeira fonte de informação sexual, contribuindo com o aprendizado sobre práticas sexuais e descobertas sobre si mesmo e sobre o corpo do outro”* (BAUMEL et al, 2019, p. 140).

Em pesquisa realizada por cinco pesquisadores da Universidade de Saúde Pública de Boston (ROTHMAN et al, 2014) foi analisada uma amostra de 23 jovens (14 do gênero feminino, 09 do masculino), entre 16-18 anos, residentes de zonas pobres desta mesma cidade, em sua maioria negros e hispânicos. Os pesquisadores tinham como objetivo prover informações e conhecimento sobre as experiências de uso de pornografia entre jovens de cor⁶, de baixa renda e urbanos. O instrumento utilizado para a produção de dados foram as entrevistas semiestruturadas. Sobre o consumo, 78% dos homens e 50% das mulheres afirmaram ter assistido a materiais pornográficos mais de 10 vezes no último ano, majoritariamente em aparelhos celulares e em computadores.

Tal ponto, parece reforçar a conclusão de outros estudos (BROWN; L'ENGLE, 2009) que, partindo do contexto norte-americano, afirmam a tendência de jovens de cor estarem mais expostos a conteúdos pornográficos. Tais conclusões, no entanto, não devem ser lidas como indicando a predileção de populações específicas por conteúdos pornográficos. Antes

6 Termo traduzido. No original o termo utilizado ao longo do artigo é: *“youth of color”*.

aponta para a importância do desenvolvimento de pesquisas que trabalhem a partir dos pressupostos da interseccionalidade visando um maior entendimento sobre a maneira como se dá o consumo de pornografia por jovens a partir de múltiplos marcadores sociais. Todos os jovens da amostra afirmaram assistir pornografia de forma gratuita e *on-line*. Surpreendeu os pesquisadores o número elevado de jovens, em especial do gênero masculino, que relataram já terem assistido pornografia na escola e de maneira coletiva.

Quanto ao tipo de pornografia que os jovens disseram assistir, os mais frequentes foram pornografia heterossexual e de sexo entre mulheres. No entanto, os pesquisadores indicam que os jovens reportaram já terem assistido pornografia que continha incesto, estupro e bestialidade. Vários jovens afirmaram ter tido contato com formas de pornografia mais extremas (*bondage, bukkake, sexo grupal, humilhação pública, asfixia*). Há que se notar aqui, uma possível relação entre os atos assistidos pelos jovens e a constatação de alguns estudos (SHOR; SEIDA, 2021) – que categorias étnico-raciais de pornografia apresentam maior prevalência de atos de agressão. Em relação à reação dos jovens a estes tipos de pornografia, os pesquisadores apontam que “[...] enquanto algumas jovens do sexo feminino expressaram surpresa e desgosto, a reação geral a estas formas mais extremas de pornografia foi de indiferença ou aceitação”⁷ (ROTHMAN et al, 2014, p. 4).

Sobre o caráter pedagógico que as representações pornográficas podem possuir, os pesquisadores indicam que:

Quase todos os participantes (n= 21) reportam terem aprendido como fazer sexo através da pornografia. Especificamente, eles reportam que do consumo de pornografia eles aprenderam posições sexuais, o que o sexo oposto pode gostar sexualmente, e como realizar atos sexuais particulares (sexo, oral, sexo anal).

7 Tradução própria. No original: “while a few females expressed distaste and surprise, the general reaction to these more extreme forms of pornography was indifference or acceptance.”

Ambos homens e mulheres reportaram terem aprendido sobre sexo a partir da pornografia (sete do sexo masculino e 14 do sexo feminino), no entanto as participantes do sexo feminino ofereceram exemplos mais concretos do que elas haviam aprendido. (ROTHMAN et al., 2014, p.6⁸)

Tal aspecto está relacionado diretamente à percepção dos jovens sobre como a utilização de pornografia impactou seus próprios comportamentos sexuais. As jovens informaram acreditar que assistir pornografia as levou a realizar atos sexuais que não teriam realizado sem o estímulo pornográfico. A prática de sexo anal é a mais frequente nos relatos das jovens, com as participantes indicando arrependimento em relação ao ato, em virtude da dor causada. Esta era inesperada, uma vez que nos filmes pornográficos as atrizes não parecem sentir dor ao performar tal prática. Da mesma maneira, algumas das jovens afirmaram sentir pressão dos namorados para realizar atos vistos em materiais pornográficos. As pesquisadoras concluem que “[...] jovens buscam aprender na pornografia como realizar sexo; outros ou imitam ou são solicitados por um parceiro que imitem o que viram”⁹ (ROTHMAN et al, 2014, p. 7)

Outro estudo qualitativo que se dedicou a mapear as percepções e experiências de adolescentes com a pornografia foi o realizado por pesquisadores suecos (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009). Possuía como objetivo indagar jovens normativos de classe média sobre suas experiências, visões e relações com pornografia. Foram adotados como métodos de pesquisa a realização de grupos focais e de entrevistas

8 Tradução própria. No original: “Almost every participant (n = 21) reported learning how to have sex by watching pornography. Specifically, they reported that from pornography they had learned sexual positions, what opposite-sex partners might enjoy sexually, and to learn how to engage in particular sex acts (e.g., oral sex, anal sex). Both males and females reported learning about sex from pornography (i.e, seven males and 14 females), although females offered more concrete examples of things that they learned.”

9 Tradução própria. No original: “youth sought out pornography to learn how to have sex; others either imitated or were asked by a partner to imitate, what they saw.”

individuais. O público alvo do estudo era jovens entre 14 e 20 anos de idade que foram recrutados em escolas ao sul do país. No total, 73 jovens se voluntariaram e terminaram o estudo.

Em relação às conclusões e resultados obtidos pela pesquisa, novamente surge como relevante, em nossa percepção, que todos os participantes afirmaram ter tido contato, de forma voluntária ou involuntária, com pornografia primariamente via Internet. Sendo que os jovens do gênero masculino, em comparação com as jovens, demonstraram procurar de forma mais ativa e regular conteúdos pornográficos. Os pesquisadores apontam, da mesma forma que o estudo anterior que mencionamos (ROTHMAN et al, 2014), que a pornografia parece fazer parte do dia a dia dos jovens: *“A opinião geral é que todos, especialmente jovens homens, estavam em contato com a pornografia desde uma idade bem nova”*¹⁰(LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009, p. 572).

Os pesquisadores identificaram três funções básicas da pornografia na vida dos jovens: forma de interação social, fonte de informações, estímulo para excitação sexual. Em relação à primeira função, os jovens do gênero masculino reportaram que assistir pornografia de forma coletiva entre amigos era uma experiência comum. Sendo que em tal contexto, (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009) o contado com os materiais pornográficos não parece envolver excitação sexual, mas serve como uma espécie de teste para a reação dos outros em relação ao que é mostrado nos filmes; as brincadeiras tornam-se, desta forma, uma espécie de guia normativo para os jovens.

A utilização da pornografia como fonte de informações é vista de maneira crítica pelos jovens dos dois sexos. Ambos descrevem o conteúdo da pornografia, de maneira geral, como sendo violento e pesado; reconhecem também que homens e mulheres são retratados de maneira desiguais nas mídias sexualizadas, em especial, nos filmes pornográficos.

10 Tradução própria. No original: “The general opinion was that everyone, especially Young men, was in contact with pornography from a very Young age.”

Segundo os pesquisadores, a confiabilidade das informações geradas pelos conteúdos pornográficos pareceu variar de acordo com as experiências prévias dos participantes. De maneira que, à medida que a idade e as experiências dos jovens aumentam, o contato com materiais pornográficos parece diminuir e tornar-se mais cheio de nuances.

No entanto, os jovens e as jovens reportaram que a utilização de pornografia como fonte de informação atinge-os de maneira distinta. As jovens afirmaram sentirem-se influenciadas tanto pelos padrões físicos mostrados no pornô, quanto pelos atos realizados nos filmes pornográficos. A depilação surgiu como maior impacto dos ideais pornográficos para as jovens em relação aos seus corpos. Ao passo que a pressão para a realização de sexo anal, como fazem as atrizes pornôs, surgiu como maior preocupação entre elas. Os jovens do gênero masculino, por sua vez, afirmaram não se sentirem influenciados pelos ideais físicos presentes nas produções pornográficas. Ao mesmo tempo que, com veemência, disseram não sentirem vontade de realizar tudo que viam nos materiais pornográficos. Para além disto, relataram que viam o sexo da vida real como algo completamente diferente do que é mostrado nos filmes pornográficos e que conseguiam manter estas duas instâncias, sexo da vida real e representações pornográficas, separadas uma da outra.

A próxima pesquisa que analisaremos investigou a utilização de pornografia junto a adolescentes/jovens em Cuba. Nos pareceu interessante inserirmos em nossa revisão um estudo que se ocupasse da realidade de um país latino-americano que possui, em termos históricos, legais e tecnológicos, algumas peculiaridades no que tange à possibilidade de utilização de materiais pornográficos, ao menos aparentemente. Além da produção e posse de materiais pornográficos serem proibidas no país, o acesso à Internet, em comparação aos outros países latino-americanos, sofreu atrasos. Seu uso tornou-se mais difundido apenas a partir de 2013, quando ações governamentais promoveram a introdução de cybercafés e pontos de acesso Wi-Fi externos.

O estudo em questão (MÉRIDA et al, 2016) foi realizado entre os anos 2014 e 2015, e tinha como objetivo determinar as motivações em relação ao consumo e reprodução de materiais com conteúdo sexual explícito junto ao grupo de adolescentes e jovens. Trata-se de um estudo descritivo, transversal, quali-quantitativo, realizado em um Instituto Politécnico, na cidade de Cienfuegos, com 109 estudantes, de ambos os gêneros, com idade entre 16 -17 anos. Foram utilizados como método de pesquisa: questionário, entrevista individual em profundidade, entrevistas em grupos focais e análise de conteúdo.

Em relação à utilização de materiais pornográficos, ao menos metade dos jovens declarou consumir tais materiais. No entanto, 100 % dos jovens afirmaram que “todos já viram alguma vez e todos utilizam” (MÉRIDA et al, 2016, p. 132). Apenas um dos entrevistados afirmou conhecer a ilegalidade do consumo destes materiais na ilha. Indicando que a legislação, neste caso, não parece nem surtir efeito e nem ser conhecida pelos jovens. Ao que parece, as peculiaridades do país, de legislação e de acesso à Internet, não implicam em uma realidade muito distinta de outros países, no que tange ao contato dos jovens com materiais pornográficos.

Ao serem questionados sobre as principais fontes de informação sobre a sexualidade, os três itens mais pontuados foram: a família (82,75%), o/a parceiro(a) (65,51%) e vídeos “pornôs” (55,17%). Os pesquisadores indicam, desta forma, que além da curiosidade, uma das motivações primordiais para a utilização de pornografia centra-se na aprendizagem - “*aprender as ‘coisas que não te contam’ na família ou na escola*”¹¹ (MÉRIDA et al, 2016, p.133)

O próximo estudo (ROMITO; BELTRAMI, 2015), que selecionamos para análise e comentários, destaca-se por ser uma das poucas pesquisas que realiza uma diferenciação nos tipos de materiais porno-

11 Tradução própria. No original: “[...] se aprenden las ‘cosas que no te cuentan’ en la familia o en la escuela [...]”.

gráficos utilizados pelos jovens. Partindo de outros estudos (YBARRA et al, 2011), que indicam que o fator chave, no que tange à relação entre utilização de pornografia e o desenvolvimento de comportamentos sexualmente agressivos, é a violência dos materiais utilizados e não propriamente no conteúdo sexual dos mesmos. Patrizia Romito e Lucia Beltrami dedicaram-se a averiguar o grau de exposição de uma mostra de adolescentes italianos à pornografia violenta/degradante. O estudo foi conduzido na região norte da Itália e envolveu os estudantes do último ano do ensino médio de 16 escolas. A média de idade dos participantes do estudo ficou em 18.2 anos e o número da amostra final foi de 702 estudantes (319 homens e 383 mulheres). Como instrumento de pesquisa foram entregues questionários auto administráveis para os estudantes, preenchidos de forma anônima.

O estudo definiu pornografia para os jovens como sendo textos ou imagens sexualmente explícitas, em várias mídias, como, “revistas masculinas”, livros ou revistas pornográficas, filmes, sites da Internet ou celulares. Pornografia violenta/degradante foi definida a partir de uma lista de sete itens: estupro, tortura, sexo violento, estupro grupal, sexo com crianças e homens urinando ou ejaculando no rosto de mulheres. Os estudantes deveriam indicar no questionário quais daqueles atos já haviam sido assistidos nos materiais pornográficos com que porventura tiveram contato.

Como resultado, em relação ao consumo de materiais pornográficos, a pesquisa indicou que 89% dos jovens do gênero masculino e 39% das jovens do sexo feminino já haviam assistido à pornografia. Em relação à exposição à pornografia violenta/degradante, 44,5% dos jovens e 18,8% das jovens já haviam sido expostos a este tipo de material. Com relação às motivações alegadas para a utilização de materiais sexualmente explícitos, entre os jovens “curiosidade” e “é sexualmente excitante” foram os itens mais pontuados; entre as jovens as motivações mais apontadas foram “curiosidade” e “informação sobre sexo”. No

entanto é interessante notarmos, que mesmo na mostra dos jovens do gênero masculino o item “informação sobre sexo” foi assinalado por 41,5% dos estudantes.

Sobre o conteúdo dos materiais violentos/degradantes que os jovens disseram ter tido contato, a forma mais popular de violência/degradação indicada foi a de conteúdos que degradavam a mulher (37,7% dos jovens expostos e 32% das jovens expostas) seguido de “sexo violento” (26,1% dos jovens expostos e 24,7% das jovens expostas) e estupro grupal (14,1% dos jovens expostos e 8,7% das jovens expostas). Entre os jovens, de ambos os gêneros, expostos a conteúdos pornográficos violentos/degradantes, apenas uma minoria (12% dos jovens e 6,9% das jovens) disse que as mulheres nos materiais utilizados pareciam sofrer com a violência perpetrada. A maioria dos jovens indicou que as atrizes usualmente pareciam gostar de ser subordinadas (30,3% dos jovens e 48,6% das jovens) e pareciam também gostar da violência que lhes era infligida (60,6% dos jovens e 44,4% das jovens).

Por fim, o último estudo (MARTELLOZZO et al., 2017) que abordaremos foi projetado, coordenado e aplicado pela Universidade de Middlesex, e constitui-se na pesquisa mais ampla já realizada no Reino Unido sobre as experiências de jovens com pornografia *on-line*. A pesquisa ocorreu em três etapas: fóruns de discussão *on-line* e grupos focais, aplicação de questionário (*survey*) junto a 1001 crianças e adolescentes e, por fim, realização de seis grupos focais *on-line* com 40 crianças e jovens de todo Reino Unido. Todas as etapas da pesquisa ocorreram com jovens de idade entre 11-16 anos. Apresentamos os achados da pesquisa como um todo a seguir.

Em relação ao uso de pornografia, o estudo apontou que há uma diferença de idade e gênero em relação ao contato com estes materiais. Quando diretamente questionados se já haviam visto pornografia *on-line*, 48% dos jovens, de ambos os gêneros, afirmaram já terem visto tal

tipo de conteúdo, 52% afirmou nunca ter visto pornografia. No entanto, ao analisar-se o contato por grupos etários, nota-se um aumento progressivo dos jovens que reportaram ter tido contato com este tipo de material. Entre os jovens de 15-16 anos, 65% reportaram já terem visto pornografia *on-line*. Entre os jovens de 11-12 anos este número cai para 28%. Em relação ao gênero, os pesquisadores apontam diferenças significativas, para o total da amostra. 40% das jovens do gênero feminino afirmaram já ter tido contato com pornografia *on-line*, contra 56% de exposição dos jovens do gênero masculino. Quando perguntados sobre a idade que tinham quando ocorreu o primeiro contato com pornografia, 94% dos jovens, de ambos os gêneros, afirmaram que viram pornografia pela primeira vez aos 14 anos de idade.

Quando questionados, nos grupos focais e nos fóruns de discussão *on-line*, sobre a motivação para acessarem conteúdos pornográficos, as motivações mais comuns apontadas foram curiosidade e pressão dos pares. Quando o elemento da curiosidade foi explorado, particularmente no grupo de jovens mais velhos, os pesquisadores notaram que a pornografia era utilizada como forma dos jovens entenderem como as relações sexuais funcionavam, para ambos os gêneros.

Os jovens também foram questionados sobre seus sentimentos e atitudes em relação à pornografia. Os pesquisadores queriam averiguar se a preocupação de que os jovens pudessem ser dessensibilizados, isto é, desenvolvessem uma resposta emocional diminuída a estímulos negativos ou aversivos, com a continuidade da exposição à pornografia, era legítima. Em relação aos grupos focais, os pesquisadores apontam que algumas falas parecem apoiar tal noção.

Em relação aos dados quantitativos, a pesquisa questionou os jovens que reportaram ainda assistir pornografia sobre seus sentimentos iniciais e atuais sobre conteúdos pornográficos *on-line*, havendo uma variação grande nas respostas afetivas em relação a tais conteúdos da

primeira exposição para o momento de aplicação da pesquisa. Como respostas afetivas iniciais predominantes em relação à pornografia, os jovens reportaram: curioso(a) 41%, chocado(a) 27%, confuso(a) 24%, enjoado(a) 23%, nervoso(a) 21%. Ao passo que as respostas afetivas predominantes na atualidade foram: excitado(a) 49%, curioso(a) 30%, animado(a) 23%, feliz 19%, sexy 16%. Os pesquisadores concluem, diante de tais dados, que:

Os dados sugerem que as respostas mais positivas à pornografia *on-line* aumentam, tanto com a idade, dos 11 e 12 anos para os 15 e 16 anos, quanto com o aumento da aclimatação às exibições repetidas; e proporcionalmente, as respostas negativas diminuem. Isso pode significar que alguns jovens estão demonstrando um grau de resiliência que desenvolveram, ou pode mostrar que estão se habituando ou tornando-se dessensibilizados aos materiais chocantes¹². (MARTELLOZZO et al, 2017, p. 34)

Em relação à forma como os jovens percebem os conteúdos pornográficos, alguns paradoxos parecem surgir. Os pesquisadores apontam que os respondentes mais velhos (15-16 anos) tinham significativamente mais probabilidade de concordar que a pornografia era irrealista e exploradora. No entanto, este grupo foi também o que mais afirmou contato com tais materiais e o que menos afirmou achar os conteúdos pornográficos perturbadores. Havendo aqui também uma diferença de gênero importante, um pouco menos de um terço dos garotos (29%) concordou (ou concordou fortemente) que a pornografia era exploradora, em comparação com metade (50%) das garotas que concordaram com tal afirmação. Da mesma forma, uma porcentagem maior de garotos (53%) do que de garotas (39%) afirmou considerarem a pornografia

12 Tradução própria. No original: "The data suggest that more positive responses toward online pornography increase, both with age, from the 11-12s, to the 15-16s, and with increased acclimatization to repeated viewings; and commensurately, negative responses decline. This could mean that some Young people are demonstrating a degree of resilience that they have developed, or it could show that they are becoming habituated, or desensitized to shocking material?."

realista. Os pesquisadores destacam, no entanto, que as opções, no que tange às visões e sentimentos sobre pornografia não eram excludentes, sendo possível, e na verdade a pesquisa aponta para tal cenário, que os jovens tivessem opiniões negativas sobre pornografia, mas ainda pudessem afirmar sentirem-se excitados com tais conteúdos.

Nos grupos focais e fóruns *on-line*, por sua vez, apenas as jovens revelaram preocupação com a forma como poderiam ser vistas pelos garotos em comparação com as atrizes pornô e com o tipo de comportamento que seria esperado delas, por eles, durante o sexo. Nesse sentido, os jovens também foram questionados se “a pornografia *on-line* que você assistiu já lhe deu ideias sobre o tipo de sexo que você gostaria de tentar?” Havendo, aqui, mais uma vez uma distinção de gênero importante nas respostas geradas: 44% dos jovens do gênero masculino responderam afirmativamente ao questionamento, em comparação com apenas 29% das jovens do gênero feminino.

Criando pontes: o debate feminista vai a campo

Existe uma necessidade clara de desenvolvimento de mais pesquisas que se debrucem sobre a utilização de materiais pornográficos por jovens, especialmente para o contexto brasileiro. Em especial, parece-nos imperativo que tal temática seja abordada sob perspectivas mais amplas, tanto teóricas quanto metodológicas, de maneira que possamos ter uma compreensão mais precisa dos múltiplos significados deste complexo fenômeno. No entanto, o levantamento realizado até o momento nos permite apontar alguns indicativos, para além do que já foi explicitado, de forma particular sobre cada estudo analisado.

As pesquisas que revisamos foram realizadas em diferentes contextos e apresentam diferentes dados sobre a intensidade da utilização de materiais pornográficos. No entanto, em todas elas infere-se que o

contato com materiais pornográficos parece ser parte da cultura juvenil contemporânea, especialmente, da cultura juvenil masculina. A utilização coletiva de pornografia entre jovens do gênero masculino parece indicar para uma função normatizadora dos conteúdos pornográficos junto a este grupo.

A totalidade das pesquisas indicou que os jovens, de ambos os gêneros, acessam os materiais pornográficos com o intuito de se instruírem sobre a sexualidade. Existem fortes indícios, portanto, de que o discurso pornográfico atua como um dispositivo de pedagogia da sexualidade e do gênero. A pornografia *on-line* constitui-se, assim, na atualidade, como uma das instâncias em que os jovens “aprendem” sobre o sexo. Sendo que um dos estudos brasileiros (BAUMEL et al, 2019), concluiu que a pornografia parece constituir-se, entre os jovens que participaram da pesquisa, como a primeira fonte de informação sexual. Note-se que aqui há uma continuidade da ação pedagogizante dos artefatos pornográficos, já verificada (DUARTE; ROHDEN, 2016) no momento inicial de constituição moderna do campo pornográfico. No entanto, como colocamos anteriormente, os sujeitos não são meros receptores dos discursos, havendo diferenças fundamentais na forma como o disciplinamento dos corpos é percebido por jovens homens e mulheres.

Os jovens do gênero masculino parecem utilizar os artefatos pornográficos com maior frequência, e em maior número; também parecem menos afeitos a sentirem-se pressionados para a realização de determinados atos típicos do universo da pornografia, assim como revelam menor ansiedade em relação à expectativa de como seus corpos devem ser apresentados em situações sexuais. No caso das jovens do gênero feminino, as pesquisas apontaram preocupações mais concretas em relação à influência da pornografia em suas vidas, como a pressão para a realização de sexo anal e para que seus corpos estejam depilados. Os estudos analisados indicam, desta forma, situações específicas em que o referencial pornográfico do que significa ser uma mulher é articulado. Tal significado é algo com

o qual as jovens devem lidar; seja para negá-lo seja para negociar com seus sentidos, à medida em que adentram no universo da sexualidade. Há de se notar, portanto, uma diferença fundamental na forma como a pornografia, ao atuar como pedagogia do sexo e do gênero, contribui para o disciplinamento dos corpos codificados como femininos. É importante assinalarmos aqui, a aparente correção da interpretação de Paul Preciado sobre o papel da pornografia na produção dos códigos contemporâneos da feminilidade. Mesmo as jovens do gênero feminino não constituindo-se como as maiores consumidoras de pornografia, as representações pornográficas, dada sua ampla difusão na cultura juvenil, são capazes de atuar como uma importante tecnologia semiótica de gênero. Tal ponto parece articular-se diretamente com o tipo de conteúdo pornográfico consumido pelos jovens.

Mais de um estudo (ROTHMAN et al, 2014; ROMITO; BELTRAMI, 2015) apontou para o contato dos jovens com tipos de pornografia mais extremos, que envolvem situações de violência e degradação, em especial, contra as mulheres ou, ainda, para o reconhecimento, por parte dos jovens, do caráter violento das representações pornográficas (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009; MARTELLOZZO et al., 2017). Em relação ao conteúdo violento dos materiais pornográficos, é interessante notarmos que, em mais de uma pesquisa, aponta-se para a neutralidade ou apatia dos jovens em relação a tal aspecto da pornografia. Importante considerarmos também que o estudo (ROTHMAN et al, 2014), que se dedicou a analisar uma amostra composta majoritariamente de jovens negros e latinos, foi um dos que apontou para os maiores níveis de consumo e para a naturalização de atos extremos apresentados na pornografia. Indicando que as colocações de feministas negras, como Patricia Hill Collins (2002), sobre o papel que as representações pornográficas possuem nos processos de controle e regulação dos corpos das mulheres negras são bastante pertinentes, na medida que tais representações fornecerem os meios simbólicos para que a dominação se efetue.

Neste sentido, as análises de autoras como Monique Wittig (1992) e Adrienne Rich (2010), realizadas nos anos 1980, também parecem soar extremamente atuais. Segundo o estudo de caso italiano (ROMITO; BELTRAMI, 2015), a exposição à pornografia violenta atingiu quase 50% dos jovens do gênero masculino que disseram ter consumido pornografia. O discurso pornográfico parece, portanto, seguir disseminando a mensagem de que as mulheres são, ou deveriam ser dominadas. Ao naturalizar a violência e a degradação, a pornografia reforça a constituição da heterossexualidade masculina branca enquanto instituição.

A pornografia não cria simplesmente uma atmosfera na qual sexo e violência seriam intercambiáveis. *Ela amplia o conjunto de comportamentos considerados aceitáveis para os homens em seus intercursos heterossexuais* – comportamento que retira das mulheres reiteradamente sua autonomia, sua dignidade e seu potencial sexual, inclusive o potencial de amar e ser amada por mulheres com mutualidade e integridade. (RICH, 2010, p. 27)

Como colocado anteriormente, boa parte do debate feminista sobre a questão pornográfica centrou-se na capacidade do discurso pornográfico em constituir a realidade social do que significa ser mulher, com posições variando amplamente nesse sentido: desde a leitura de autoras como Catharine MacKinnon (1993) e Andrea Dworkin, para quem a pornografia é parte fundamental do processo de objetificação das mulheres até posições como a de Judith Butler (1997) e Drucilla Cornell (2004), para quem a pornografia constitui-se muito mais como uma alegoria que falha ao tentar constituir a realidade das relações de gênero. É fundamental, portanto, que consigamos através de pesquisas empíricas desenvolver uma compreensão mais adequada sobre as formas com que os jovens são capazes de realizar distinções entre “fantasia” e “realidade” ou entre “representações” e “realidade”. Neste sentido, as pesquisas analisadas nos fornecem algumas pistas interessantes para desenvolvermos

uma melhor compreensão da questão. O primeiro ponto diz respeito a idade em que se dá o consumo dos materiais pornográficos. Duas pesquisas (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009; MARTELLOZZO et al., 2017) indicaram que, à medida que a idade dos jovens aumenta, eles tornam mais capazes de reconhecer que as representações pornográficas são irrealistas e exploradoras. No entanto, a pesquisa de Martellozzo et al., 2017, também indicou que reconhecer que a pornografia é violenta ou exploradora não implica em uma queda do consumo, pelo contrário, ao que tudo indica, os jovens parecem desenvolver resiliência às cenas mostradas e tornam-se dessensibilizados em relação aos materiais mais extremos, questão também explicitada por outras pesquisas (ROTHMAN et al, 2014). Tal ponto, parece fazer referência a leitura que Paul Preciado realiza sobre a forma de funcionamento da pornografia no contemporâneo. Segundo Preciado (2017; 2018), é próprio da pornografia a capacidade de excitar à revelia da intenção ou consciência do espectador. Havendo indícios, aqui, de que de fato, as representações pornográficas, operam, ao menos entre os jovens, como “*bodily images*”.

Para além desta questão, como já dito, nos parece que os relatos das jovens coletado pelas pesquisas (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009; MARTELLOZZO et al., 2017; ROTHMAN et al, 2014) indicam que, ao menos em algum grau, as representações pornográficas influenciam a forma como as jovens percebem a seus corpos e determinados atos sexuais. De maneira, que não parece possível alocarmos as representações pornográficas como dizendo respeito apenas ao universo da “fantasia” ou como não produzindo efeitos no que chamamos de “vida real”.

Por fim, parece- nos necessário reconhecer que o único estudo (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009) em que os pesquisadores concluíram que a maior parte dos jovens pareceu conseguir desenvolver habilidades para navegar na paisagem pornográfica, sendo capazes de distinguir entre o real e o fantasioso, foi realizado na Suécia em um contexto em que as aulas de educação sexual são já bem estabelecidas

nas escolas e fazem parte do currículo educacional de forma compulsória desde 1955. Em relação a esse ponto, todos os estudos analisados apontaram em suas conclusões para a necessidade de a temática da pornografia ser abordada em um contexto educacional.

Conclusão

Iniciamos nosso texto apresentando os referenciais teóricos que permitem a compreensão do sentido que o termo pornografia adquire na atualidade. Buscamos caracterizar a pornografia como fazendo parte dos discursos que promovem uma pedagogia da sexualidade e do gênero e que, desta forma, produzem “marcas” nos sujeitos, especialmente em torno das noções de feminino e masculino. Em relação ao último, recuperamos também parte do debate histórico feminista para explicitarmos as diferentes posições que, dentro do feminismo norte-americano, surgiram em relação as representações pornográficas.

Ao analisarmos, a partir de revisão bibliográfica, pesquisas empíricas que se dedicaram a averiguar as formas de utilização de materiais pornográficos por jovens em diversas realidades, notou-se afirmativamente o caráter instrutivo que tais materiais desempenham nas culturas juvenis. Também foram percebidas práticas e marcas de gênero que, ao se mostrarem hegemônicas dentro do discurso da pornografia *on-line*, tornam-se parte do currículo da sexualidade promovido pela pornografia e com as quais os jovens devem negociar ao longo de suas trajetórias. Apontamos, por fim, para a necessidade de abordarmos a questão pornográfica a partir de uma perspectiva educacional e seguirmos desenvolvendo, a partir de referenciais feministas, novos entendimentos sobre a forma como o discurso pornográfico opera na constituição de noções e percepções em torno do gênero e do sexo. Neste sentido, coloca-se como desafio para as pesquisas futuras sobre o tema o desenvolvimento de análises que partam de um prisma de gênero não binário. De maneira que, outras perspectivas de gênero podem e devem ser objeto de estudos similares.

Referências

- BAUMEL, Cynthia., SILVA, Priscilla., GUERRA, Valeshka., GARCIA, Agnaldo., & TRINDADE, Zeidi. “Atitudes de jovens frente à pornografia e suas consequências”. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 24(1), 131-144, jun/mar. 2019.
- BROWN, Jane., L'ENGLE, Kelly L. “X-rated sexual attitudes and behaviors associated with US early adolescents’ exposure to sexually explicit media”. *Communication Research*, 36(1), 129-151, 2009.
- BUTLER, Judith. *Excitable Speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2002.
- CORNELL, Drucilla. “Pornography’s Temptation”. *Freiburger FrauenStudien*. Freiburg, n. 15, 149-164, 2004.
- DINES, Gail. *Pornland: how porn has hijacked our sexuality*. Boston: Beacon Press. 2010.
- DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabíola. “Entre o obscuro e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo”. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 24(3): 715- 737, setembro/dezembro/2016.
- DWORKIN, Andrea. *Pornography: Men Possessing Women*, EUA: G. P. Putnams Sons, 1981.
- EATON, Anne Wescott. “A sensible anti-porn feminism.” *Ethics*, Chicago, 117: 674–715. Julho, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

GUERRA, Valeschka Martins; ANDRADE, Fernando Cezar B; DIAS, Mardonio Rique. **“Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos”**. *Estud. psicol. Natal*, vol.9, n.2, pp.269-277, 2004.

HUNT, Lynn. **“Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800”**. In. HUNT, Lynn (org.). *A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade*. São Paulo: Hedra, 1999. p. 09- 48.

KENDRICK, Walter. **El museo secreto: La pornografía en la cultura moderna**. Colombia: Ed. Tercer Mundo, 1995.

KOLETIC, Goran. **“Longitudinal associations between the use of sexually explicit material and adolescents’ attitudes and behaviors: A narrative review of studies”**. *Journal of Adolescence*, 57, 119-133, 2017.

LÖFGREN-MÅRTENSON, Lotta; MÅNSSON, Sven- Axel. **“Lust, Love, and Life: A Qualitative Study of Swedish Adolescents Perceptions and Experiences with Pornography”**. *Journal of sex reserch*, V. 47, ed. 6. p. 568-579. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **“Pedagogias da sexualidade”**. In. LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.

MACKINNON, Catharine. **Only words**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **“La juventud es más que una palabra”**. In: MARGULIS, Mario. (ed.) *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30

MARTELLOZZO, Elena; MONAGHAN, Andy; ADLER, Joanna R.; DAVIDSON, Julia; LEYVA, Rodolfo; HORVATH, Miranda. A. H. **“I wasn’t sure it was normal to watch it...”** A quantitative and qualitative examination of the impact of online pornography on the values, atti-

tudes, beliefs and behaviours of children and young people. London: Middlesex University, 2017.

MCNAIR, Brian. **Striptease Culture: sex, media and the democratization of desire**. New York: Routledge, 2002.

MÉRIDA, Alexis Conde; RODRÍGUEZ, Alain Darcourt; MORÉ, Carlos Alberto Pérez; MARTÍNEZ, Yanet Ravassa. “**Aproximación al consumo de materiales de contenido sexual explícito en adolescentes y jóvenes.**” *Revista Cubana de Enfermería*; 32(4), 126-135, 2016.

OWENS, Eric W; BEHUN, Richard J; MANNING, Jill C; REID, Rory C. “**The Impact of Internet Pornography on Adolescents: A Review of the Research**” In. *Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 19:1-2, 99-122, 2012.

PISCITELLI, Adriana. “**Entre as ‘máfias’ e a ‘ajuda’: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas.**” *Cadernos pagu* (31): 29-63, julho-dezembro de 2008.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2013, 361 p.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. “**Museu, lixo urbano e pornografia.**” *Periódicus – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades*, Salvador, n.8, v.1, p.20-31, nov-abr, 2017.

RICH, Adrienne. “**Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.**” *Bagoas- Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v.4, n. 05, p. 17-44, novembro, 2010.

RUBIN, Gayle. **Deviations: a Gayle Rubin reader**. London: Duke University Press 2011.

ROMITO, Patrizia; BELTRAMINI, Lucia. “**Factors Associates With Exposure to Violent or Degrading Pornography Among High School Students.**” *The Journal of School Nursing*, Vol. 31(4), p.280-290. 2015.

ROTHMAN, Emily F; KACZMARSKY, Courtney; BUERKE, Nina; JANSEN, Emily; BAUGHMAN, Allyson. “**‘Without Porn ... I Wouldn’t Know Half the Things I Know Now’: A Qualitative Study of Pornography Use Among a Sample of Urban, Low-Income, Black and Hispanic Youth**”, *The Journal of Sex Research*, 52:7, 736-746, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Pornografia move uma indústria bilionária que consegue ser invisível**. Folha de São Paulo, São Paulo, 1 de outubro, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/10/pornografia-move-uma-industria-bilionaria-que-consegue-ser-invisivel.shtml> Acesso em: 18 de fev. 2021

SHOR, Eran; SEIDA, Kimberly. **Agression in Pornography: Myth and Realities**. New York: Routledge, 2021.

TARRANT, Shira. **The Pornography Industry: What everyone needs to know**. New York: Oxford University Press, 2016.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA; Adélia Augusta Souto. “**Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011**”. *Pesquisas e Práticas psicossociais*, São João del-Rei, 11(2), 278-294, julho a dezembro, 2016.

The 2019 Year in Review. Pornhub. 11/12/19. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>. Acesso em 14/08/2020

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Others Essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

YBARRA, Michele L.; MITCHELL, Kimberly J.; HAMBURGER, Merle; DIENER-WEST, Marie; LEAF, Philip J. "X-rated material and perpetration of sexually aggressive behavior among children and adolescent: Is there a link?" *Aggressive Behavior*, 37 (1), 1–18. Jan-fev, 2011.